

Eurico Alves Boaventura e a criação de um Almajesto sertanejo: primeiro passo para uma cosmologia a partir do sertão

Eurico Alves Boaventura and the creation
of a Almajest from Sertão: a first step for
the construction of a cosmology from the
Sertão



10.21680/1983-2109.2024v31n66ID36323

Yves São Paulo

Pós-Doutorando pela UEFS, Bolsista CAPES/Brasil

yvessaopaulo@gmail.com

Resumo: Na crônica/ensaio Sob ditame de rude Almajesto, o jurista, poeta e cronista baiano Eurico Alves Boaventura descreve uma miríade de técnicas e experiências desenvolvidas pelo povo do sertão para prever as épocas de chuva. Tecendo a descrição destas observações, traçamos paralelos entre a função popular criadora de uma episteme e os princípios da filosofia grega. Observamos, assim, as proximidades entre a vontade de criação de conhecimento que antecede os primeiros filósofos e a que rodeia o mundo sertanejo.

Encerramos num exercício de imaginar como este pensamento se apresentaria numa linguagem filosófica.

Palavras-chave: Eurico Alves Boaventura; Sertão; Cosmologia.

Abstract: Sob ditame de rude Almajesto is a chronic/essay by the jurist, poet and chronicler from Bahia, Eurico Alves Boaventura, where he describes a multitude of techniques and experiences developed by the people from Sertão to predict the periods of rain. By describing these observations, we are able to build parallels between the epistemic creation force that anticipated the Greek philosophy. Doing so, we are able to show the proximity between the will to create knowledge that anticipates the first Greek philosophers and the one surrounding the Sertão. We finish by imagining how these works would behave in a philosophical thought.

Keywords: Eurico Alves Boaventura; Sertão; Cosmology.

1. Introdução

É bem conhecida a imagem do sertão em meio à seca e as dificuldades enfrentadas pelo povo sertanejo durante os longos períodos de estiagem. Chama atenção como este espaço genuinamente brasileiro é marcado pela identidade rural, mais especificamente pelos pequenos roçados compostos pela agricultura de subsistência que possui como referência econômico as vendas nas feiras livres das cidades do entorno. Para o pequeno agricultor, a grande esperança para uma boa plantação e colheita é a época de chuvas. Elas são emblemáticas para o imaginário sertanejo, sendo cantadas e contadas em inúmeras histórias.

Eurico Alves Boaventura foi jurista com atuação no interior da Bahia. Entre o final da década de 1920 até 1974, data de seu falecimento, manteve a atividade de escritor. Compôs poemas, crônicas, artigos e ensaios aparecidos numa variedade de publicações. Dentre a sua produção teórica

destaca-se o manuscrito Fidalgos e vaqueiros, publicado postumamente na década de 1980. Neste livro de fôlego singular, o autor debruça-se sobre um estudo antropológico da civilização do couro, termo indicado por ele como sendo de autoria de Capistrano de Abreu (BOAVENTURA, 2006, p. 139). Como particular desta produção, analisa o portal do sertão e a região do sisal que compreende os municípios de Feira de Santana, Riachão do Jacuípe, Bonfim de Feira, entre outros. Feira de Santana se apresenta como a principal inspiração da obra do poeta e cronista, sendo recorrente a sua menção e importância descrita em sua produção.

Em meio a estes escritos encontramos um ensaio de curioso título, Sob ditame de rude Almajesto. Publicado inicialmente em 1961 na revista Sertão, posteriormente republicado em três partes em Situação, trata-se de um estudo sobre o campesino sertanejo, agora focando sua preocupação com a chegada da época de chuvas. Eurico descreve as técnicas de observação angariadas pelo sertanejo para notar os sinais de uma chuva que poderá vir a cair em semanas ou meses vindouros. Trata-se de um ensaio/crônica em que o escritor reúne uma coleção de indicações juntadas pelo sertanejo para prever aquela que é a maior de suas preocupações: a chuva. Sem chuva, o sertanejo passa fome. Esta crônica serviu de inspiração para um curta-metragem de cinema dirigido por Olney São Paulo: Sob ditame de rude Almajesto (sinais de chuva). Mas no presente artigo, nos ateremos apenas à análise da crônica.

Assim, utilizaremos como base a versão do texto mencionado acima publicado na coletânea A paisagem urbana e o homem (2006). Sua forma estilística é fluida, como se dá com boa parte da produção de maturidade deste autor que flutuou pelos mais diferentes campos da literatura – poesia, crônica, carta, ensaio, tratado. Ora ele se apresenta como um ensaio, ora como uma crônica, possuindo tanto citações

quanto uma narrativa. Este texto nos servirá de base para termos acesso a uma cultura e a conhecimentos usualmente passados oralmente – o que Eurico Boaventura busca acessar por meio de uma criação narrativa.

Num primeiro momento, faremos a análise a respeito das diferentes edições disponíveis do texto publicadas respectivamente em *Sertão*, *Situação* e na antologia *A paisagem urbana e o homem*. Em seguida, realizaremos uma descrição do conteúdo do ensaio, tomando observação das técnicas elencadas por Eurico para a previsão das chuvas pelo sertanejo e sua tomada quanto à capacidade do sertanejo de se imiscuir em sua própria paisagem para observar as mais remotas mudanças como indicativo de chegada de período de chuvas. Esta seção servirá de avanço para que pensemos a respeito do fazer científico acadêmico e a construção epistêmica do povo sertanejo, demonstrando a vontade de criação de ciência em sua florescência. A questão do método surgirá desta primeira inquirição, nos levando a repassar as teorias da indução e da dedução que por séculos vêm fazendo parte da construção científica e filosófica do ocidente. Por fim, buscaremos concluir nosso estudo por meio de uma redução do caráter universalizante do almajesto sertanejo, demonstrando como sua visão de mundo encontra-se atada a sua criação um tratado científico oral que enxerga a interligação de todas as coisas.

Observamos, assim, como há uma fonte prenha de fazer filosófico no seio de uma cultura genuinamente brasileira que é a sertaneja. Por meio de uma necessidade de seu cotidiano, o sertanejo cria um modo particular de observar o cosmos, reduzindo a um fenômeno específico: a chuva. Toda a paisagem, toda a natureza que o circunda, mantém uma espécie de diálogo em aguardo do elemento essencial para a manutenção da vida: a água. Então, arriscamos, com o

presente artigo, a perguntar: é possível fazer uma filosofia a partir do sertão, com a sapiência popular do sertanejo?

2. A primeira edição e a versão do livro

A primeira vez que o ensaio *Sob ditame de rude Almajesto* apareceu ao público foi na revista *Sertão*, publicação de iniciativa da Associação Cultural Filinto Bastos. Poucas informações temos a respeito desta organização, além de que o diretor da revista foi seu secretário de cultura, o futuro cineasta Olney São Paulo. Será o mesmo Olney São Paulo quem guardará a memória de seu trabalho como editor da revista e anos mais tarde levará este ensaio para a tela de cinema com sua curta-metragem *Sob ditame de rude Almajesto*: sinais de chuva, digitalizada pelo CTAv e disponível para o público no YouTube¹.

A revista *Sertão* surge como uma iniciativa de fomento da memória de sua cidade natal, Feira de Santana. Reúne os intelectuais do local em suas páginas nas suas mais variadas facetas. Publica artigos, poemas, contos, demonstrando a diversidade da produção intelectual local. A iniciativa de fomento se dá ao trazer não somente textos de autores vivos, como também de autores já falecidos à data do lançamento da revista, demonstrando o caráter de tradição na produção intelectual da cidade. A exemplo disso, o primeiro número traz poema de Gastão Guimarães, falecido alguns anos antes, e um artigo sobre Aloísio Resende, cuja poesia somente será conhecida do leitor da revista dois anos mais tarde, com a publicação de seu segundo e final número. Eurico, por sua vez, figurará em ambas as edições como autor.

São diversas as gerações que figuram nas páginas de *Sertão*, desde as menções a Aloísio Resende, ou da poesia de

¹Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=vfIpGW_x5oU

Gastão Guimarães, até a presença de personagens reverenciados no cenário intelectual da cidade dados os seus longos anos de atuação, a exemplo de Dival Pitombo, aqui publicando um artigo sobre a arte sacra contemporânea, e Eurico Alves Boaventura com o ensaio que nos ocupa – ambos autores surgindo na mesma seção da revista, “Teatro, Ensaio & Pintura”. A nova geração surge à frente da revista, também marcando sua presença na produção textual, a exemplo do diretor (editor) da revista Olney São Paulo que aparece com um conto de sua autoria, ou Antônio Lopes com artigo sobre Aloísio Resende.

Em *A paisagem urbana e o homem*, Maria Eugenia Boaventura reúne os textos do pai presentes em uma miríade de fontes que vão desde cartas à câmara dos vereadores, ensaios publicados em revistas e jornais, crônicas e alguns outros manuscritos nunca publicados por Eurico. O que nos ocupa é o ensaio *Sob ditame de rude Almajesto*, que Maria Eugenia aponta como tendo sido originalmente publicada em *Sertão*, e mais tarde republicado em *Situação*, no ano de 1967, desta vez dividido em três partes². Falha, contudo, em esclarecer que o texto publicado em *Situação* já havia sido publicado integralmente em *Sertão*, sem as divisões que ela manteve na republicação da coletânea. Logo, as divisões mantidas no livro por Maria Eugenia são feitas por uma necessidade editorial da publicação *Situação* que não podia fazer como *Sertão* e publicar o texto por inteiro, fazendo a opção por dividi-lo em três partes. Ao leitor será notável a continuidade do texto que não faz necessidade de divisões de seções, sendo que as seções não possuem uma distinção de conteúdo que justifique uma separação. Contudo, para análise do conteúdo do ensaio, utilizaremos a versão editada em *A paisagem urbana e o homem*.

² Ver nota 175, em BOAVENTURA, *A paisagem urbana e o homem*, 2006.

3. Descrição do conteúdo do texto

Sob ditame de rude Almajesto surge para o leitor com um título que parece um enigma, especialmente quando se vale de um termo obscuro como “Almajesto”. Esta palavra faz referência a um tratado astronômico escrito por Ptolomeu, ainda na antiguidade. Com isto, Eurico Boaventura resume a proposta de seu ensaio já na chamada, ao apontar que sua intenção é a de realizar um levantamento dos conhecimentos de observação dos astros reunidos pelo povo sertanejo em suas concepções precárias (rudes) que lhes aparecem como mandamentos (ditames) de ordem dogmática. A filiação traçada pelo autor entre os conhecimentos reunidos ao longo das décadas pelos sertanejos e uma fonte intelectual da antiguidade demonstra parte do que ele quer apontar como sendo “rude”, estamos falando de conhecimentos produzidos que não vêm de acordo com os rumos tomados pela ciência moderna, pós-copernicana, mas por uma rede de conhecimentos traçados fora de uma ambiência de educação formal. Sobretudo, há certa dose de esoterismo e misticismo em como estes conhecimentos são reunidos.

Os primeiros parágrafos do ensaio são os mais significativos no trabalho do autor em realizar paralelos entre o Almajesto rudimentar do sertanejo e a ciência formal, especialmente a ciência adotada na época em que o pensamento ptolomaico esteve em voga. Principia sua exploração escrevendo que um amigo da roça lhe afiançou “dogmaticamente” de que o ano seria fecundo (BOAVENTURA, 2006, p. 203). Logo com este princípio temos o estabelecimento de dois pormenores: as observações tratadas como mandamentos são de uma certeza indiscutível, portanto, saberes que constituem um dogma; este tratado astronômico não possui a mera vocação de descrever os caminhos dos astros, desta função se furtando, antes se mantendo no que de

realmente importa ao povo campesino do sertão: a previsão de chuvas. Cabe notar que não se trata da previsão de chuvas para o dia ou a semana seguinte, mas observações que apontam que o ano será de fartura porque virá bem abastecido de boas chuvas. A previsão de um ano de chuvas vem aliada a um intento de previsão do que fazer na roça.

Como pode o sertanejo afiançar com tamanha certeza a proximidade das chuvas ou que o ano será bom? “Entende ele a linguagem dos Ares” (BOAVENTURA, 2006, P. 203), escreve Boaventura, nesta edição mantendo a palavra com apenas sua primeira letra em maiúscula, na edição de Sertão vindo toda ela em maiúscula, ARES (BOAVENTURA, 1961, p. 27). Trata-se de linguagem conhecida por quem vive no campo, quem mora na cidade ignora estes sinais oferecidos pela paisagem. O autor mostra que este conhecimento surge de uma comunhão do habitante do campo com seu meio, uma transmutação em parte do meio, também ela constituindo parte desta nova cosmologia de que trata o sertanejo em seu dia a dia. Não é uma relação de sujeito-objeto que ele, o sertanejo, pauta com seu ambiente observado, mas como uma vinculação elementar do qual ele é parte componente de um Todo. Esta personagem é chamada por Eurico Boaventura de “tabaréu”, termo que a um primeiro momento pode parecer ofensiva a pessoas vindas do interior e de baixa escolaridade, mas que é frequentemente utilizada por Eurico em seus escritos para designar este povo alheio à cultura metropolitana, criadora de cultura alheia às influências diretas do que são feitas nos grandes centros. Em certos casos, os testemunhos de Eurico são fonte de estabelecimento histórico acerca de momentos precisos do passado do mundo interiorano da Bahia, especialmente no que diz respeito à cidade de Feira de Santana, que recebeu mais e mais influências de culturas da metrópole que sufocaram suas tendências originais locais.

O amigo da roça que lhe fizera o prognóstico de chuva é descrito por Eurico Boaventura como sendo “herança emocional de meu avô e de meu pai” (BOAVENTURA, 2006, p. 203). Traz ele conhecimentos que são passados de geração a geração, dos quais o autor conhece através destes relatos de pessoas mais próximas, dada a sua característica vida de homem dividido entre o universo citadino e o universo rural, não lhe permitindo mais profunda imersão na paisagem do campo como é possível ao “matuto” – termo seu – que lhe afiança os saberes recebidos. Portanto, não muito diferente dos conhecimentos de astronomia passados de geração a geração na época de Ptolomeu, e reunidos por ele em escritos, os conhecimentos dos sertanejos a respeito da previsão de chuvas são passados oralmente através das gerações que observam a sua aparente veracidade. É somente com a veracidade observável destes relatos que tais conhecimentos são passados adiante.

Novamente em seus paralelos entre as culturas formais e acadêmicas e a episteme oral rudimentar passada pelos sertanejos, Eurico Boaventura sublinha a capacidade do camponês de ler a paisagem. É a “linguagem dos ares”, “a paisagem toda é um In-folio” (BOAVENTURA, 2006, p. 204), um panfleto, o mundo do camponês é um grande livro aberto que ele aprende a ler na prática de sua lida cotidiana, sendo alfabetizado por aqueles que vieram antes dele e lhe ensinaram as práticas de como melhor interpretar este cenário. Não se trata de uma ação distanciada ou desinteressada, como estetas ocidentais poderiam arguir a respeito de se tratar de leitura (assim recuperando o caso de ser um sujeito lidando com um objeto), mas antes de ser capaz de ler por fazer parte. Este “ríspido abecedário decalcado em mandacarus e macambiras” é uma união da passagem das gerações, uma “sabedoria acumulada pelos tempos” (BOAVENTURA, 2006), de uma memória que se mantém em vias de se fazer.

Este panfleto ou cartilha que o matuto ler lhe traz informações sobre a via láctea, mostrando como prestar atenção no que de menor aparece na paisagem, aquilo que de tão pequeno e insignificante poderia muito bem passar despercebido. Cabe, portanto, observar não somente os protagonistas da ação do momento, como também seus coadjuvantes e figurantes, “os hiatos de luz da via láctea” (BOAVENTURA, 2006), ao invés de apenas se concentrar no movimento belo dos pontos brilhantes das estrelas e dos planetas. Cita Eurico uma passagem de Oswald Spengler, remetendo ao que o filósofo alemão escrevia sobre as aves de rapina; neste caso, é o matuto que adapta uma característica animal para si, sendo uma criatura que domina com os olhos, tal qual fazem os carnívoros superiores mencionados na citação. Eis uma mescla

4. O Almajesto como primeira forma de fazer ciência e filosofia

É na Metafísica, de Aristóteles, que podemos encontrar um exemplo do princípio tomado pela filosofia por meio de sua busca pelas causas primeiras. Diferentemente do que se costuma apresentar como cisão entre a filosofia e a tradição da mitologia religiosa, ambas buscavam suas próprias explicações para uma causa primeira, não sendo a filosofia necessariamente uma criadora da razão. O próprio Aristóteles põe essa busca ao afirmar que os antigos afirmavam ser os deuses, como Oceano e Tétis, responsáveis pela geração das coisas (ARISTÓTELES, 2005, p. 17, 983b, 27-32). Ao que o filósofo expõe como sendo Tales de Mileto o primeiro a professar uma doutrina propriamente da causa primeira, estabelecendo assim uma dissociação entre a concepção de uma filosofia doutrinária e um pensamento inconsistente (ARISTÓTELES, 2005, 984^a, 1-4).

O caráter original de Tales foi a constatação de qual seria a causa primeira a partir de observações: a causa primeira segundo ele é a água, que pode ser vista em toda transformação, uma vez que o morto perde umidade, o alimento é úmido, e assim por diante. Todas as coisas se transformam enquanto que esta causa permanece intacta. Observa, assim, uma causa material que dava início ao Todo. Logo, sua contribuição à filosofia se encontra na utilização de sua observação dos fatos naturais para buscar um elemento universal que persista em todas as coisas, sendo também este elemento parte da materialidade e que possa ser notada fisicamente nestas inquirições. Contudo, afirma-nos Aristóteles, algumas perguntas ficavam por ser respondidas com estas buscas pela causa primeira num elemento material: afinal, por que tudo provém da água? O que haveria ocorrido ao princípio para que a água se transformasse em algo outro?

Encontramos no sertanejo uma vontade de criação epistemológica análoga aos primeiros pensadores. É na materialidade que compõe a sua vivência cotidiana que observa as mudanças do que constitui o universo. Sua vida constitui a materialidade porque é seu uso rotineiro, a técnica de seu trabalho. Mas consegue ir além da mera técnica ao levantar os olhos e conjecturar a respeito do movimento dos astros, planejando suas próprias ações na terra a partir da posição da Lua que lhe oferece pistas sobre as próximas semanas. Da pedra de sal, conjectura a umidade do ar e a proximidade da época de chuva. Reconhece, tal como o reconhecia o antigo filósofo, que nas pequenas coisas há um testemunho da grandiloquência do universo que o circunda. Constroem, ambos, a partir de sua observação do que lhes foi oferecido dentro de sua cotidianidade: notemos que os exemplos descritos por Aristóteles não fogem ao cotidiano ordinário, são exemplos simples que demonstram a mutabilidade da natureza por meio do movimento do úmido ao seco, a água que é a seiva da vida – algo que falará muito

próximo ao coração do sertanejo, afinal, suas experiências de observação têm em comum a espera pelas chuvas.

Giorgio Colli, por outro lado, nos apresenta outro cenário para o nascimento da filosofia, onde uma tradição oral já construía certa passagem de saberes, competindo ao filósofo angariar certos destes saberes e pôr à prova (COLLI, 1992, p. 10). Quando Aristóteles aponta que alguns apontavam que já havia pensadores antigos que indicavam os deuses como servindo de causa primeira, demonstra a pertinência de séculos de uma tradição intelectual que buscava ditar quais seriam as origens das coisas, com frequência buscando diferentes caminhos. Sendo os deuses antigos representantes de determinados elementos naturais, surgiam como percurso para imaginar a causa primeira como sendo a água ou o fogo através deste deus que tudo concebeu. Enquanto os primeiros filósofos, ao pôr em escrito doutrinário suas concepções do que seriam as causas primeiras, subtraíam a participação de uma divindade na construção do cosmos, seus posteriores inseriram novamente a proposta de uma Inteligência imiscuída na natureza e nos animais (ARISTÓTELES, 2005, p. 21, 984b, 15-19).

Ao apontar para um Almajesto, retornando a um tratado astronômico da antiguidade, talvez Eurico não tivesse tamanha dimensão da proximidade das relações entre o feito do sertanejo e o feito do antigo. O exercício de conjecturar é feito através das décadas e dos séculos por todo um conjunto da sabedoria dos povos nos quais se encontram o filósofo e o cientista. Por outro lado, a tradição de saberes passados pela oralidade de um povo se encontra submetida à transmutação sofrida ao longo das passagens deste saber de um interlocutor a outro. A defesa de Giorgio Colli é de que a filosofia não é o nascimento de um período de racionalização, mas a transformação deste saber numa forma literária muito ligada à oralidade: Platão, por exemplo, escrevia em diálogos,

mantendo a característica da oralidade num texto escrito (COLLI, 1992, p. 10). Antes de Platão, os pré-socráticos escreviam poemas, também uma forma devedora da oralidade, uma vez que estes poemas eram primeiro cantados publicamente, e assim passados adiante, antes de ganhar qualquer forma escrita.

Deste encontro com a origem do mundo ocidental, podemos concluir que o Almajesto sertanejo pertence a esse campo de saberes passados oralmente, assim dispostos para o caso de alguns autores reunirem para pensar a partir deles. Mais do que isso, demonstra uma vontade coletiva de produção de conhecimento, de conhecer seu próprio ambiente tomando o que a aparência imediata lhe oferece para conhecer além dela própria. Aqui não há a negação do aparecer e do imediato, ao contrário, há o reforço de que há semelhança entre o aparente imediato e o Todo.

Nisto que Eurico chama, juntamente com Capistrano de Abreu, de “civilização do couro” (BOAVENTURA, 2006, p. 135), encontramos uma ciência da chuva, onde os saberes de ordem oral são passados de geração para geração de modo a observar a paisagem e reconhecer quando se avizinha a chuva. Esta é a principal preocupação do camponês do sertão, fonte de sua concepção cosmológica. Encontramos, aqui, um saber nascente que ainda une a observação da matéria com certos graus de misticismo esotérico, tal qual podia ser encontrado na origem da filosofia grega. O sertanejo, portanto, mesmo devedor de certas tradições ocidentais, constrói sua própria visão de mundo.

5. A indução, a dedução

O conhecimento do sertanejo parte de uma observação do mundo. Eurico, na maioria dos exemplos fornecidos, se

dedica ao papel de descrever as observações feitas pelo sertanejo. Mas há algo além destas observações que realmente constituem o diferencial de um Almajesto, o que fica implícito no texto do cronista. Observar por observar não leva a compreender os movimentos da paisagem, é preciso construir uma ideia sobre a observação tida. Portanto, a observação não surge como algo dissociado da criação epistemológica, não é pura percepção, sendo uma ação ativa de quem busca entender o mundo do qual faz parte. Realizamos a incursão anterior pelo primitivismo da ciência ocidental, através do que costumeiramente é narrado como sendo o princípio da filosofia ocidental em sua cisão com o pensamento mitológico, para apontar uma visão comum de ciência entre a ação construtora do sertanejo e aquela dos povos que cercavam os primeiros filósofos.

Como escreve A. F. Chalmers, a concepção popular de ciência compreende a objetividade de seus postulados que são construídos a partir de observações dos fenômenos e posterior experimentação para confirmação destes postulados observados (CHALMERS, 1993, p. 22). Apesar de o autor apontar que esta concepção se tornou popular com as revoluções científicas da modernidade, como aquelas empreendidas por Galileu e Newton (e o exemplo da maçã de Newton, sendo ela ficção ou não, é um uso notório da ilustração da ciência nascendo a partir da observação do ordinário), podemos retrair esta tendência de observação de fenômenos antes mesmo do que se compreende como sendo ciência e partindo para a filosofia. O fazemos porque o Almajesto sertanejo parece mais próximo de uma filosofia do que de uma ciência, uma vez que compreende uma visão de mundo mais ampla, como veremos adiante, uma cosmologia ao sentido antigo.

Assim, Chalmers delinea o que ele chama de indutivismo, antes assinalando um “indutivismo ingênuo”,

precisamente este que compreende a ciência como nascendo da observação (CHALMERS, 1993, p. 23). O procedimento abarcado pelo indutivista passa pela observação levando a uma teoria. Somente por meio da observação teria o cientista a possibilidade de criar uma lei ou teoria, segundo esta corrente. O cientista observa o fato acontecer e a partir dela descreve o que acontece. Tende a ser criador de afirmações universais, de modo que sua observação compreenda um efeito geral – “os planetas se movem em elipse em torno do sol” (CHALMERS, 1993, p. 24-25), ou “mandacaru, quando floresce lá na serra, é sinal que a chuva chega no sertão” (BOAVENTURA, 2006, p. 208). Isto é, sempre que florescer o mandacaru, choverá.

Eis a característica do método indutivista: observar para então criar uma lei ou teoria. Feita a observação, repetido o efeito, é seguro afirmar que o postulado poderá prever quando o fenômeno se repetirá. É assim que um cientista pode apontar quando ocorrerá um eclipse, é assim que um meteorologista poderá afirmar as mudanças no clima, é assim que o sertanejo procura se orientar dentro de sua paisagem, angariando observações em seu meio e tomando-as como relato fidedigno do que virá. A partir destas observações, por meio de seu indutivismo, é possível ao sertanejo deduzir as previsões de como será o ano que se avizinha.

Mas é afiançado por Eurico que o sertanejo faz mais do que observar e criar teorias sobre a sua paisagem, ele chega a realizar experiências para analisar a proximidade das chuvas. É o caso da experiência com a pedra de sal. Aqui, já não se trata mais puramente de uma incursão indutivista, mas de uma dedução que busca pôr à prova estas observações reunidas. Novamente, Eurico nos oferece pouca descrição sobre como se dá esta experiência, apenas afirmando que ela é realizada no sereno da noite de doze de dezembro, sem justificar a especificidade da data. O caso é que por meio dela

se encontra um povo capaz de construir saberes lógicos voltados para a sua própria necessidade. A experiência com a pedra de sal aponta para a umidade da noite e a proximidade das chuvas. Trata-se de um povo que se reúne em torno da identidade da chuva e da terra, e constrói sua visão de mundo a partir de suas necessidades prementes. Este mundo não se encerra no sertão, esticando-se para o Todo do cosmos.

6. A concepção universalizante do sertanejo a partir de seu almajesto (conclusão)

A Ao longo das crônicas, cartas e artigos selecionados e organizados por Maria Eugenia Boaventura para A paisagem urbana e o homem, descobrimos que o jurista Eurico Alves Boaventura possuía uma profunda preocupação com a preservação da cultura e costumes locais, revelando sua visão de paridade entre a cultura erudita dos acadêmicos e a cultura criada ao longo de séculos na relação entre vaqueiros e fidalgos do sertão. Uma analogia recorrente em seus escritos é a capacidade de leitura das paisagens de modo a apreender mensagens de passados recentes ou remotos que dele se depreendem. Nas capelas construídas pela fidalguia sertaneja, ora abandonadas ou ora restauradas e ampliadas pelo crescimento populacional de seu entorno, aponta Eurico a capacidade de se ler as frases de uma história vivida na relação com aquele prédio. História, portanto, não se constitui somente da escrita de fatos acontecidos no passado, ela se apresenta no testemunho de fatos em obras que se sustentam, sendo “questão de leitura cuidadosa” (BOAVENTURA, 2006, p. 198) de suas formas para captar o passado nelas vivenciados.

Mas, e quando esta história se encontra delineada em formas fugazes, diferente da seguridade das paredes de um templo religioso que pode persistir de pé ao longo das décadas?

O saber astronômico do sertanejo não se apresenta por meio de tábulas escritas que destrinchem este conhecimento para que seja passado às gerações futuras, ele sobrevive na fragilidade da cultura oral. Digo fragilidade porque à medida que este conhecimento é passado, ele se encontra suscetível de ser transformado. Há, mesmo, o risco de que seja perdido frente a chegada de outros saberes, outras culturas, para se impor sobre certa parcela populacional. Ao que um autor como Eurico empreende a tarefa de preservar esta sapiência popular – não sendo tarefa exclusiva de Eurico, os sinais de chuva estão bem documentados em diversas obras literárias, como no cancionero e na poesia.

Ao transformar o oral em escrita não se perde algo de fundamental na passagem deste conhecimento? A linguagem escrita oferece um procedimento oposto à linguagem oral. Enquanto a oralidade mantém aberta a criação em seu fluxo, a escrita estabiliza numa concretude o que foi dito. O escrito mantém a sentença como eterna em sua forma. O escrito de Eurico oferece às gerações posteriores um conhecimento tal qual lhe chegou, que poderá ser acessado futuramente tendo ciência de que se trata de um saber testemunhado em determinado momento da história numa determinada localidade, reunindo certo conjunto de leituras para amparar seu testemunho. O falado não pode ser tomado da mesma maneira, uma vez que cada novo portador da palavra é um igual criador da mensagem sendo passada. Suas palavras não são as mesmas, o que não pode ser dito sobre as canções e poemas passados adiante, cuja matriz formal é mantida através da passagem. Mas os saberes da cosmologia sertaneja não pertencem a uma canção, são conhecimentos espalhados em diferentes observações e experiências passadas ao longo das gerações. Portanto, cada novo transmissor se faz um novo criador de conhecimento. Este é um detalhe importante de conceber a cosmologia sertaneja porque compreende também a forma como o sertanejo se imiscui junto à paisagem.

“A expressão da paisagem”, a que se refere Eurico, somente pode ser entendida pelo sertanejo em sua relação com o ambiente quebrando barreiras de sujeito/objeto, não existindo o distanciamento tradicionalmente advogado pelo pensamento ocidental com relação aos seus temas de estudo, antes preferindo uma relação de simpatia e intromissão no fluxo que se desenrola. Neste sentido, a transmissão de saber oralmente é também uma parte desta relação com a paisagem, em que o fluxo do Todo se encontra na maneira como se constrói o seu saber. Apesar do “afiançamento dogmático” registrado por Eurico na certeza do sertanejo de que choverá dadas as interpretações de certos detalhes da paisagem, este caráter definitivo da sentença quanto ao porvir demonstra a imersão junto à ambientação. Não se trata de um afiançamento que possa ser dado como saber perene, como o pretende um saber escrito, trata-se de um saber vinculado ao momento presente. Dadas as interpretações de momento, afianço que choverá. Logo, a oralidade como uma forma de fazer parte da paisagem, como construção constante de saberes a partir novas observações: o imediato de seu afiançamento do agora.

Contudo, surge como uma curiosa provocação do ensaísta colocar estes saberes por escrito. Tal qual já fizera Ptolomeu na antiguidade em seu *Almagesto* original, Eurico reúne saberes espalhados pela oralidade e já concatenados em outras fontes escritas e cantadas. Registra, assim, uma forma de pensar independente. Não de todo independente, como geralmente não é o caso de qualquer conhecimento. Há, invariavelmente, uma influência direta ou indireta de saberes acadêmicos na construção de um novo pensamento, quer se reconheça sua influência ou não. Isto é bem reconhecido pelo jurista no ensaio *A boca do tabaréu no foro*, quando, sendo ele juiz, aponta como os ditos populares do povo se faz presente na boca dos magistrados, mesclando-se aos dizeres latinos. Reconhece, assim, que muitos destes ditos populares possuem

sua origem de outros ditos acadêmicos, que ele chama de “eruditos” – mas preferimos não fazer a distinção entre erudito e folclórico no presente momento para não aparentar uma superioridade ética do primeiro sobre o segundo. Escreve que “aforismo é a cultura que o tempo sedimentou” (BOAVENTURA, 2006, p. 215), podendo, à luz de nossa menção de Aristóteles, lembrarmos que o aforismo “uma andorinha só não faz verão” ser encontrada na obra do antigo autor grego³. Conclui, assim, que “muitos ditos populares nasceram da boca erudita”. Desta forma, é possível apontar na sanha do sertanejo em ler os ares certa influência passada.

Numa série de cartas, intituladas Cartas da serra, em especial na carta III, Eurico demonstra estar contente com a juventude que vem aparecendo nos meios intelectuais da cidade de Feira de Santana, em 1960. São jovens que se misturam com os mais velhos intelectuais locais, como o próprio autor, mas que apresentam maior interesse que os seus antecessores pelas faces de uma cultura local. Eurico, por sua vez, foi ávido defensor da criação de diferentes museus na referida cidade para que se apresentasse à população a importância de sua própria cultura, a cultura do couro, a cultura do vaqueiro, a cultura da arte popular. Neste sentido, também, que podemos apontar sua inclinação para descrever o Almajesto sertanejo, quando não se aponta grandes separações entre a cultura tomada como erudita e a cultura dada como popular. Estabelece, assim, que a importância de uma cidade não se estabelece com seu grau de mimetismo do que foi já criado por outras, numa mera cópia; pelo contrário, nasce esta importância daquilo que ela possui de original. Seus contemporâneos, isto é, os mais velhos de sua congregação intelectual local, tendem a verbalizar seus conhecimentos adquiridos em livros numa tendência a mimetizar os saberes provindos e criados em outros rincões da

³ Mais especificamente na *Ética a Nicômaco*.

terra. Não que eles não possuam seu devido valor, mas antes é importante que este conhecimento não surja de modo a esconder a importância do que se é feito ao seu redor. Conclui seu pensamento e sua carta III, afirmando que somente é possível reconhecer o verdadeiro valor do Museu do Louvre ao se reconhecer o valor da arte popular feirense (BOAVENTURA, 2006, p. 113-114). Ora, por isto ele quer dizer que o artista da terra não faz diferente do que faz o artista consagrado exposto no Louvre e analisado por centenas de pesquisadores. Ambos voltam-se para a vida que os cercam em seu próprio universo e tendem a retirar suas inspirações daquilo de que vivem. De que adianta reconhecer a beleza de uma paisagem francesa se não se é capaz de reconhecer a beleza de sua própria paisagem e as técnicas desenvolvidas por seus artistas para retratá-las?

De onde parte nosso próprio exercício de aproximação do Almajesto sertanejo de temas da filosofia acadêmica ocidental: um exercício provocado pelo próprio Eurico Alves Boaventura. A defesa de Eurico é para abandonarmos a posição de puro mimetismo intelectual das formas dadas pelo pensamento estrangeiro, para que nos voltemos para uma cultura de base local que compõe nosso pensamento. Aponta, assim, que este pensamento estrangeiro tomado como modelo se organiza a partir de seu próprio ambiente de vivências. Como nos mostrou Colli, mesmo o pensamento pré-socrático, criador da filosofia ocidental, não surgiu alheio às movimentações intelectuais de sua sociedade, não nasceu de um gênio alheio e solitário dotado de uma súbita iluminação. O resgate promovido por Eurico das formas de observação do sertanejo para seu Almajesto forma um conjunto de pensamentos algo originais dadas as suas necessidades vinculadas ao seu ambiente próprio. Ainda que no seio de uma filosofia acadêmica não seja original falar de uma monadologia, ou de uma cosmologia que compreenda a união de todos os particulares num mesmo movimento vital, há

neste Almajesto um impulso ao pensamento filosófico de matriz sertaneja. Não sendo Eurico um filósofo, nem por formação nem por exercício, ele nos oferece as bases antropológicas para que um pensamento metafísico de fundação sertânica possa nascer.

Em conclusão, encontramos neste Almajesto uma cosmologia sertaneja que não compreende apenas uma astronomia, isto é, uma observação dos astros, mas também sua influência sobre os eventos menores que ocorrem na paisagem. Esta cosmologia dita uma interligação de todas as partes do universo indicando transmutações do que ocorre na paisagem. O cenário, portanto, é a ambientação em que o movimento aponta para o porvir numa sutileza de apresentação do agora. A observação da Lua e das estrelas, indicam rumos tomados pela paisagem; o mesmo acontece quando se observa as transformações dos insetos ou das plantas da catinga. Os micro-fenômenos, tais como o nascer de asas numa formiga, possuem igual dimensão para a interpretação da paisagem quanto um macro-fenômeno como o movimento da Lua ou a cor em que ela aparece no céu em determinada época do ano. São maneiras de apontar para o fato de uma interligação do Todo: o micro-fenômeno encontra-se vinculado ao macro-fenômeno, influenciando suas transmutações neste ambiente. Cria-se, assim, uma cosmologia em que a paisagem é expressão do Todo, em que suas atividades particulares estão a apontar para sua relação com o universal. Sem esquecer a importância do tempo nesta relação: ao observar o fato de agora, reconhece-se a gênese do fato porvir, também na interligação dos dados. Em sua espera pela chuva, o Almajesto sertanejo cria uma cosmologia de um universo interligado num Todo refletido em suas partes, em que a grande necessidade é a chuva.

Referências

ARISTÓTELES. Metafísica. Tradução: Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BOAVENTURA, Eurico Alves. A paisagem urbana e o homem. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOAVENTURA, Eurico Alves. Sob ditame de rude Almajesto. Sertão, nº 1, setembro, 1961, p. 27-33.

CHALMERS. A. F. O que é ciência, afinal? Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 1993.

COLLI, Giorgio. O nascimento da filosofia. Tradução: Federico Carotti. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

(Submissão: 17/03/24. Aceite: 03/12/24)